

As Mãos Sujas da Inteligência Artificial

written by Mário Portela | 15 de Janeiro, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Gostamos muito de fingir que a inteligência artificial nasceu de um relâmpago divino num laboratório asséptico da Silicon Valley. Um milagre tecnológico, limpo, elegante, quase etéreo. A verdade, porém, é bem menos instagramável: **a IA tem mãos**. Mãos humanas. Cansadas, mal pagas, invisíveis. E quanto mais “inteligente” a máquina parece, mais gente houve por trás a fazer o trabalho que ninguém quer ver nem reconhecer.

É precisamente por isso que este tema é essencial e por isso esta crónica está n’**O Cidadão**. Porque este não é um espaço para propaganda tecnológica nem para alarmismo preguiçoso. É um projecto de jornalismo sério e incómodo, que dá voz a quem normalmente não a tem – inclusive àqueles que nunca aparecem nas apresentações de investidores nem nas *keynotes* triunfais. Falar das “mãos escondidas” da IA é um acto de cidadania:

obriga-nos a olhar para a tecnologia não como magia, mas como um produto político, económico e profundamente humano.

A inteligência artificial não aprende sozinha. Não acorda iluminada. Aprende porque alguém, algures no mundo, passou horas a dizer-lhe o que é um gato, o que é ódio, o que é pornografia, o que é violência, o que é aceitável e o que não é. Aprende porque milhares de pessoas ouviram áudios repetitivos, leram textos absurdos, analisaram imagens perturbadoras – tudo para que nós possamos conversar com uma IA “educada” e politicamente correcta, sem termos de sujar as mãos.

O detalhe inconveniente é onde essas mãos estão. Normalmente no Quênia, nas Filipinas, na Índia. A ganhar o equivalente a um café europeu por hora. Em condições que fariam corar qualquer discurso corporativo sobre “inovação ética”. Moderadores de conteúdo expostos diariamente a abusos, racismo, pornografia extrema e violência, acumulando trauma psicológico para que a nossa experiência digital seja confortável. Chamam-lhe “data labeling”. Antigamente chamava-se exploração.

Enquanto as empresas de IA acumulam avaliações de milhares de milhões, estes trabalhadores acumulam ansiedade, stress pós-traumático e silêncio. Não aparecem nos créditos. Não aparecem nas notícias. E, ironicamente, quanto melhor a IA funciona, mais desaparecem do discurso público. A eficiência da máquina constrói-se sobre o apagamento humano.

Depois há a hipocrisia final: quando tudo correr mal – desemprego, desinformação, colapso social – o culpado oficial será a IA. Nunca os decisores, nunca os investidores, nunca os modelos económicos predatórios. A máquina será o bode expiatório perfeito. Não vota, não protesta, não responde em tribunal. Culpar a ferramenta é sempre mais cómodo do que enfrentar quem a empunha.

A literacia digital, neste contexto, deixa de ser saber “usar *prompts*” e passa a ser compreender a genealogia da tecnologia. Saber quem a construiu, quem a treinou, quem paga o preço real da sua “inteligência”. Usar IA de forma consciente e ética não é uma virtude moral abstrata – é uma responsabilidade cívica.

A inteligência artificial não é um monstro nem uma deusa. É um espelho. E o reflexo que começa a devolver-nos não é particularmente bonito.

Quem quiser aprofundar este lado menos glamoroso da tecnologia, perceber como funciona este exército invisível e porque é que a conversa sobre IA precisa urgentemente de mais consciência e menos deslumbramento, encontra tudo isso no episódio 43 da primeira temporada do podcast “**IA & EU**”. Um episódio desconfortável, necessário e – por isso mesmo – imperdível.